

ES, COI.A desalojada. O Espaço Colectivo Autogestionado do Alto da Fontinha, em Porto, foi desalojado e emparedado no passado dia 10 de Maio. Um enorme aparato policial foi montado logo pela manhã, fechando as ruas circundantes e culminando com o desalojo emparedamento do edifício. Foram detidas 7 pessoas, tendo uma delas recebido tratamento hospitalar. Após um mês de ocupação, este espaço tinha organizado vários eventos e assembleias populares, tendo já em funcionamento actividades diárias com a participação e interesse da vizinhança.

1º DE MAIO ANTI-CAPITALISTA E ANTI-AUTORITÁRIO EM SETÚBAL (LARGO DA MISERICÓRDIA)



Terra Livre).
de botracha e usou gás lacrimogénio (ver comunicado da AIT-SP e do Colectivo Setúbal. Vários comanheixos feridxs e detidxs. A polícia disparou balas reais, balas de borracha e usou gás lacrimogénio (ver comunicado da AIT-SP e do Colectivo

Repressão policial contra o 1º de Maio anti-capitalista e anti-autoritário em vizinhos do bairro.
gratuitamente durante o dia e à noite realizou-se uma assembleia popular com os ocupou uma padaria abandonada na calçada da bica, em Lisboa. Foi distribuído pão
Padaria Ocupada. Na manhã do dia 25 de Abril um grupo de padeirxs livres a Assembleia Popular do Porto. Esteve presente uma banca da SOV-AIT.
Queima do pido. Libertárxs do Porto participaram no 25 de Abril numa acção simbólica da queima do pido na Avenida dos Aliados, desta vez em conjunto com

Notícias

folha de informação anarquista

Ex Nihilo

Nº1 Maio 2011



exnihilo@riseup.net

Esta folha é uma tentativa espontânea de trazer para a rua informação sobre actividades, eventos e ideias de sensibilidade libertária. Surgiu da crítica ao comodismo e à prepotência da internet como meio informativo, substituindo-se muitas vezes a outros formatos mais presenciais e participativos. Urge fomentar a conversa, a comunicação, a acção, na rua, nos espaços reais e com os indivíduos concretos.

Os conteúdos aqui publicados são uma recolha de textos e notícias sem qualquer tipo de associação ou vínculo formal aos grupos ou indivíduos que os produzem. Gostaríamos no entanto de ver esta tentativa como uma ferramenta colectiva, de forma a que tanto a edição, como a distribuição fosse o mais alargada e descentralizada possível.

Numa época em que o controlo e a escravatura se sofisticam, à medida que a máquina capitalista, sustentada pela força do estado, aumenta todos os dias a sua presença obscura, a nossa mensagem é bem simples: sem temor a renascer do nada, queremos o fim deste sistema de morte.

FEIRA DO LIVRO ANARQUISTA 20.21.22 MAIO 2011 Da Barbuda

A Feira do Livro anarquista, na sua 4ª edição de 20 a 22 de Maio, cria uma vez mais espaço para a divulgação das ideias anarquistas a partir dos livros e das publicações, levando a debate as ideias e análises sobre questões que nos assaíam a vida em tempos de guerra social. Dedicamos um dos dias à crítica do desenvolvimento que o capitalismo e o Estado tentam impor. Partindo dos seus projectos e das suas investidas contra a Natureza e os locais onde vivemos, queremos atacar.

Noutro dia questionamos as recentes manifestações de descontentamento nas ruas reflectindo sobre os caminhos que nos discutir formas de travar esse desenvolvimento e passarmos nós ao Poderão levar a uma ruptura com o Estado e com a economia. Das questões que, embora separadas, se cruzam inevitavelmente.

Procuramos estimular a luta, a solidariedade e a reflexão como formas de combater as várias faces da autoridade.

feiradolivroanarquista.blogspot.com
feiradolivroanarquista@gmail.com

**Largo da Severa, nº8
Mouraria, Lisboa
Métro: Martim Moniz**

CICLO DE CINEMA SOBRE JOSÉ MARIA NUNES.
Faço cinema com o propósito de que cada um seja em si mesmo a sua própria obra e não tenha necessidade de ver a obra dos outros. José Maria Nunes

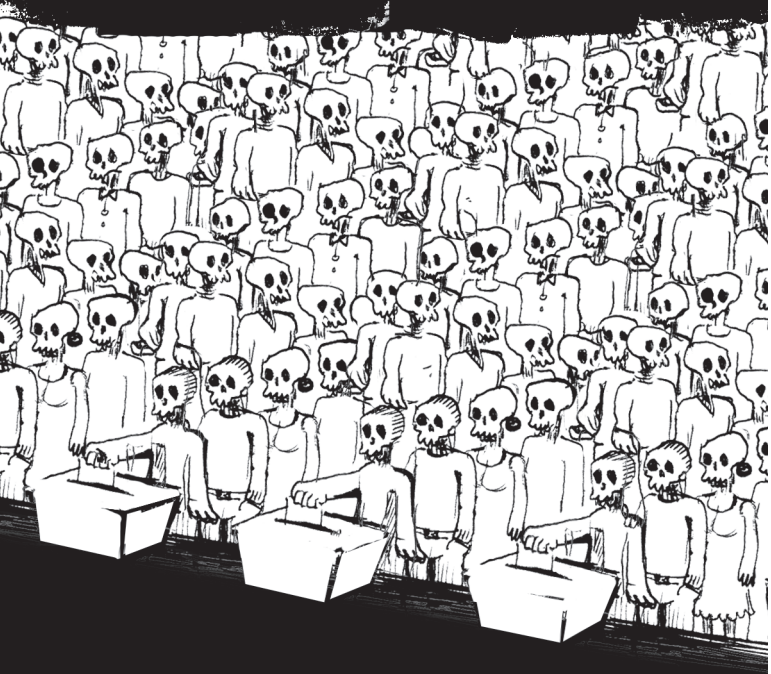
FESTA ABSTENционISTA, 29/05/2011 - 15h, PRAÇA DO MARQUÊS (PORTO). Vários colectivos e indivíduos do Porto estão a organizar uma festa abstencionista no sentido de promover a greve ao voto. Entre outras actividades haverá animação, comida, bebida e conversas.

Sexta-feira, 3 de Junho, às 21h
(Severa, Largo da Severa, nº 8, Martim Moniz, Lisboa).
Documentário: Nunes, Anarquia Visual (2010) [27 m.]
Filme: Sexpências (1969) [100 m.]
Sábado, 4 de Junho, às 18h
(BOESG, Biblioteca dos Operários da Sociedade Geral, Rua das Janeiras Verdes 13 - 1º esq., Santos, Lisboa).
Noche de vino tinto (1966) [115 m.]
Domingo, 5 de Junho 18h
(Sociedade de Instrução Guilherme Cossou, Av. D. Carlos I, 61 - 1º, Santos, Lisboa).
Documentário: La Edad del Sol (2010) [25 m.]
Filme: Res publica (2009) [98 m.]

Agenda

(...)És o criado voluntário, o doméstico amável, o lacaio, o serviçal, o cão que lambe o chicote, que rasteja diante do pulso teso do dono. És o chui, o carcereiro e o bufo. (...)És o empregado fiel, o servidor dedicado, o camponês sóbrio, o operário resignado com a sua própria escravatura. És o carrasco de ti mesmo. De que te queixas? (...)
Vamos, tem um bom movimento: despe o hábito estreito da legislação, lava o teu corpo rudemente, a fim de que rebentem os parasitas e a bicharia que te devoram. Só então poderás viver plenamente.

O CRIMINOSO É O ELEITOR!
Excerto de "O Criminoso" de Albert Libertad, Março de 1906



Repressão policial contra o Primeiro de Maio Anti-autoritário e Anticapitalista em Setúbal

O “Primeiro de Maio anti-autoritário e anticapitalista”, em Setúbal, foi convocado com um apelo à recuperação da tradição combativa e anti-autoritária do “dia do trabalhador”. Desta forma, procurou ser “uma mobilização não controlada por nenhuma força partidária, por nenhuma central sindical ou qualquer força de repressão e controlo do Estado”. Em larga medida, este objectivo foi conseguido. Numa altura em que os poderosos disputam ferozmente as migalhas que querem roubar aos que já pouco têm, uma manifestação que apontou outro caminho de luta e resistência teve de ser reprimida pela polícia.

A mobilização começou às 13 horas, com uma concentração no Largo da Misericórdia. Aqui, ouviram-se canções de intervenção e leram-se comunicados ao altifalante. Um grupo de companheiros distribuiu ainda uma sopa entre os presentes. Apesar da forte chuva que começou a cair, cerca de 150 pessoas não arredaram pé e iniciaram uma marcha pelas ruas estreitas da zona mais antiga da cidade fazendo ecoar palavras de ordem como “Nem Estado, nem patrão, autogestão!”, “Não negociamos a nossa escravidão! A vida é nossa, não é do patrão!” ou “Sabotagem, greve selvagem!”. A manifestação seguiu para a Praça do Quebedo, onde se estava a iniciar a manifestação da CGTP. Ao longo da Avenida 5 de Outubro o protesto continuou na cauda do desfile da CGTP, constituindo o sector mais animado e combativo desta marcha e recebendo a aprovação de muitas das pessoas que assistiam. Depois, a manifestação separou-se da CGTP e continuou o seu percurso em direcção a um dos bairros populares de Setúbal. Apesar da divergência em relação às frases gritadas pelos dirigentes da CGTP, que foram apelando à “luta” através do voto durante o percurso, não se verificaram quaisquer incidentes, nem nesta nem nas outras partes do percurso.

A manifestação terminou no Largo da Fonte Nova, onde os manifestantes pousaram as suas faixas no chão e se preparavam para descansar e conviver. A partir do sistema de som dum carro estacionado no largo, voltaram-se a ouvir músicas revolucionárias. No entanto, poucos minutos depois da chegada à praça, um grupo de polícias, numa atitude provocatória, insistiu em identificar e deter as pessoas que se encontravam junto ao carro do som. Com isto, iniciou-se o confronto entre a polícia e os manifestantes que tentaram impedir a detenção destes companheiros e defender-se dos ataques. A polícia utilizou gás pimenta contra a cara de alguns manifestantes e começou a disparar balas de borracha contra quem estava no largo. Um agente chegou a disparar tiros reais para o ar.

Atónitos, perante a actuação desmedida da polícia contra uma manifestação do Primeiro de Maio, os habitantes do bairro mostraram-se solidários e ajudaram alguns dos feridos. Os manifestantes conseguiram retirar-se do local em conjunto, mas acabaram por ser perseguidos pelas ruas de Setúbal, sendo continuamente alvo de bastonadas e de disparos de balas de borracha. Algumas pessoas foram detidas para identificação, tendo sido espancadas sob custódia policial, e muitas mais ficaram feridas.

A polícia conseguiu o seu objectivo, perfeitamente em consonância com os princípios do Estado policial e do capitalismo de austeridade: punir quem quer que se queira manifestar para além do protesto controlado e inofensivo das centrais sindicais oficiais e dos movimentos inofensivos de “cidadãos indignados”. Numa altura em que a burguesia portuguesa, com o apoio do FMI e da União Europeia, anuncia, através dos meios de propaganda de massas por si controlados, que a única solução para a “crise” que eles criaram e com a qual continuam a lucrar, será cumprir o seu projecto de sempre – reduções salariais, despedimentos livres, privatização dos serviços essenciais, etc. –, a actuação da PSP em Setúbal é um forte sinal de que a cambada que nos governa e explora, e os seus obedientes mercenários, não está disposta a tolerar manifestações que enunciem qualquer forma de luta efectiva e não-controlada. Em véspera de eleições, querem-nos fazer crer que só podemos mudar algo através do voto, quando há muito sabemos que ao votar só estamos a legitimar um sistema que nos explora e oprime.

O Primeiro de Maio é uma data que evoca a luta secular dos explorados e oprimidos de todo o mundo. Por isso lembramos os chamados “Mártires de Chicago” e recordamos também os dois operários assassinados há cem anos, em 13 de Março de 1911, nessa mesma terra de Setúbal, com as balas da Guarda Republicana – António Verruga e Mariana Torres. Em Chicago, em 1886, os trabalhadores lutavam pela jornada de oito horas de trabalho, enfrentando as balas da polícia, e para que as conquistassem muito sangue teve de ser derramado. Em Setúbal, em 1911, os trabalhadores protagonizaram a primeira greve geral depois da queda da monarquia, em solidariedade com a luta das operárias conserveiras, confrontando as forças armadas da República.

Hoje, como ontem, temos as armas contra nós e vemo-nos perseguidos pelos cães de guarda do Estado e do Capital. Mas também hoje, como ontem, levamos um mundo novo nos nossos corações, e os golpes que nos desferem só nos fazem acreditar mais na justeza dos ideais e das formas de luta que defendemos.

Contra a repressão, solidariedade! Contra a exploração, acção directa!

Unidos e auto-organizados, nós damos-lhes a crise!

**Associação Internacional dos Trabalhadores – Secção Portuguesa
Núcleo de Lisboa**

1º de Maio Anti-capitalista e Anti-autoritário: Comunicado (para demonstrar o ridículo das mentiras da) Imprensa

Somos um colectivo Anarquista da cidade de Setúbal que convocou e organizou a manifestação do 1º de Maio Anti-capitalista e Anti-autoritário. O nosso nome é “Terra Livre” e não “Rebeldes e Organizados”. O nome “Terra Livre” poderá ser visto nos cerca de 5000 panfletos e 1000 cartazes distribuídos e colados por todo o distrito de Setúbal a convocar o protesto. “Rebeldes e Organizados” era um dos escritos da faixa que levávamos à frente e que foi errónea ou propositadamente interpretado por gente de vistas curtas como o nome do grupo inteiro da manifestação. A frase completa era aliás “Rebeldes e organizados, nós damos-lhes a crise”.

A manifestação não era legal nem ilegal: era uma manifestação pública convocada há cerca de um mês e que todos tinham conhecimento incluindo a Polícia, o Governo-Civil e Câmara Municipal. A prova disso foi a vigilância ostensiva das forças repressivas sob a manifestação. Se é uma questão de preguiça que fez com que os membros do governo civil não quisessem ter conhecimento da iniciativa não é problema nosso mas deles. São eles que, sendo pagos com o dinheiro roubado ao nosso trabalho sob forma de impostos, trabalham para nós. Não é suposto ser o contrário, mas se fôr, aproveitamos para dizer: Senhor Governador, está despedido!

Participaram vários grupos organizados e muita gente a título individual. Da Associação Internacional dos Trabalhadores-Secção Portuguesa à Plataforma Anti-Guerra e Anti-Nato. Durante o percurso foram distribuídos centenas de panfletos vindos de diferentes grupos e indivíduos participantes.

A concentração começou na hora e local previamente anunciado: às 13:00, no Largo da Misericórdia e não às 15:00 no Quebedo, local de encontro da CGTP. Mais uma vez, a miopia dos jornalistas distorce os factos. Percorremos a zona do miradouro até nos juntarmos à cauda da manifestação da CGTP. Aí fomos barrados por 5 ou 6 inúteis agentes da PSP. A polícia (Equipa de Intervenção Rápida) aparentemente chefiada por um tal de Fernando Rosas (não estamos certos dos nomes porque os agentes não tinham placas de identificação) manteve durante esse tempo uma atitude de carneirinhos mansos. Era óbvio para a polícia que eles não tinham força para reprimir nada. Era óbvio para todos que as motivações expressas no texto de convocatória da manifestação (que duvidamos que algum jornalista tenha lido) aliada à nossa vontade de nos manifestarmos foram as razões pelas quais esses cobardes tivessem logo ali levado o enxerto que mereciam. Fomos SEMPRE saudados pelo resto da população de Setúbal que não se juntou ao protesto e que iam, muito mais que os integrantes da manifestação, dirigindo os seus insultos aquele bando de cobardes em uniforme que a todos nos agride diariamente mas não é capaz de prender um só banqueiro. Sabemos bem que a polícia se lembra desses insultos da população de Setúbal.

Durante o trajecto foram utilizados por diversos manifestantes tochas de sinalização náutica, fogo de artifício apto para uso particular e alguns petardos de baixa intensidade. Outros expressaram a sua raiva pintando frases combativas nas fachadas de alguns bancos, entre outros locais, e uma loja de automóveis de luxo. Não houve uma montra partida (como demonstra o próprio comunicado da PSP) nem armas de fogo nas mãos dos manifestantes. Isso são as habituais táticas de difamação que os cobardes e mentirosos costumam utilizar, para justificar o injustificável.

Chegados à Fonte Nova, e uma vez mais saudados pelos habitantes e comerciantes, era nosso desejo assentar arraial no Largo tendo para um efeito um carro de som que tocava, entre outros, Zeca Afonso, Grupo os Galés e canções anarquistas. E é aqui que, sem qualquer aviso da parte da polícia ou provocação da nossa parte, começa o infame e brutal ataque desses cobardes em uniforme que agora se sentiam muito homenzinhos por terem armas na mão. Sobre este ataque contra todos os manifestantes e muitos residentes da área poderão ler a nossa descrição dos factos e acontecimentos.

Nesse momento, num acto de dignidade e coragem do qual não temos nada a lamentar, defendemo-nos com o que tínhamos à mão. Repetimos: não fomos para um confronto, mas sim para uma manifestação e se desejássemos o confronto já o teríamos provocado quando esses cobardes se estavam a borrar nas calças.

Defendemo-nos arremessando pedras da calçada e garrafas para manter a polícia à distância e desmontando uma esplanada de um restaurante que utilizamos como barricada e escudos protectores. No momento, enquanto decorria a batalha, responsabilizá-mo-nos perante os donos do restaurante pelos prejuízos e no dia seguinte honrámos o compromisso. Todos os outros destroços, incluindo uma carrinha de um restaurante no largo, foram provocados pela polícia. Os que quiserem confirmar estes factos bastar-lhes-á falar com as pessoas envolvidas, nomeadamente residentes das zonas nas quais a manifestação passou e proprietários dos restaurantes.

A nossa necessidade de refutar as mentiras e difamações divulgadas pela polícia e amplificadas pelos media acriticamente fica resolvida aqui. Todo o ruído que se espalhou pelos media e Internet é o trabalho de provocadores que, venham da esquerda ou da direita, se habituaram a ver na auto-organização popular e na rebeldia anti-autoritária o seu inimigo número um. O nosso inimigo número um é o medo que nos tentam impor e aqueles que o criam. Na Fonte Nova e em Setúbal ficaram as sementes da coragem que quisemos propagar neste 1º de Maio

**3 de Maio de 2011, Setúbal cidade rebelde
Colectivo Terra Livre**